DISCURSO EM REDE: Muro Pequeno e a Interseccionalidade

Darlam do Nascimento
Bacharelando em Políticas Públicas / UFRGS.
e-mail: darlamnascimento@gmail.com

O presente trabalho faz parte de um projeto maior intitulado "Masculinidades Negras Dissidentes" e visa fazer uma analise de discurso do canal do Youtube de Murilo Araújo, intitulado "Muro Pequeno" para contribuir nos entendimentos sobre as formas de existência e resistência de homens negros que desviam das normas hegemônicas de sexualidade e comportamento por via da Antropologia Visual e da Memória. No seu canal, Murilo Araújo se coloca enquanto negro, cristão, gay e nordestino; e aborda, de maneira didática, aspectos de sua vida cotidiana, aspectos e conjuntura política e cultural, bem como relações dialógicas com outras pessoas que tem canais no Youtube e que de certa maneira tem afinidade com seus temas de debate. Assim, colocando em pauta e para debate as formas de existir e resistir que balizam sua existência na rede de alcance mundial de maneira expressiva. As conclusões revelam o complexo jogo discursivo e uma forte articulação de reflexões oriundas da academia e das próprias experiências pessoais, bem como um discurso marcadamente interseccional que desbrava as fronteiras analíticas sobre gênero, raça, sexualidade e outros marcadores sociais que usualmente são fechados em si mesmos.

Palavras-Chave: Antropologia Visual e da Memória, Interseccionalidade, midia digital, masculinidades negras.

1 DO QUE FALAMOS?

Este trabalho visa contribuir para um projeto maior "Masculinidades Negras Dissidentes" que venho desenvolvendo desde 2015. Aqui, tenho como interlocutor, jamais objeto, o Murilo Araújo[1]. Interlocutor porque a relação que ele estabelece é a de diálogo. No seu canal no Youtube intitulado "Muro Pequeno" ele escreve na descrição: "Oieeeee, seja bem viado ao Muro Pequeno! Eu sou o Murilo, uma bicha negra cristã e militante, fazendo uns vídeos aqui pra falar de sonhos, desafios e aleatoriedades, problematizando a vida, espalhando amor e viadagens por aí". Ele dialoga por meio das redes, neste caso o Youtube e eu pela tradicional escrita acadêmica. Aqui nós temos a abertura sobre as formas de saberes que não podem ser desqualificados em detrimento do cientifico.

[1] Cabe dizer que o Murilo é formado em Jornalismo, Mestre em Letras e Doutorando em Linguística Aplicada.

Como interlocutor, minha proposta é debater as suas ideias e o seu potencial dialógico de discursos *interseccionais*. Kimberlé Crenshaw (2004) que coloca a interseccionalidade enquanto um campo de convergência onde os marcadores se cruzam produzindo as identidades e experiências dentro da estrutura social. Nesta pesquisa a *interseccionalidade* opera na e pela estrutura de dominação e exploração vigente que a literatura acadêmica definiu enquanto *colonialidade* (SANTOS, 2012). Renato Emerson dos Santos (2012) diz que a colonialidade "[...] é um padrão de poder que articula diversas dimensões da existência social. [...] Esta se vale, portanto, de hierarquias" (p. 40). Este autor estabelece nove hierarquias: [i] classe; [ii] divisão internacional de centro e periferia; [iii] sistema interestatal político-militares; [iv] hierarquia étnico-racial global; [v] hierarquia sexual de gêneros (cisgênera); [vi] hierarquia sexual de sexualidades; [vii] hierarquia espiritual; [viii] hierarquia epistêmica; [ix] hierarquia linguística. Eu, ainda, defendo que existe uma [x] hierarquia entre corpos cisgêneros e transgêneros; e [xi] entre corpos com e sem deficiência física/mental (SKLIAR, 1999).

É importante destacar que não é de minha intenção enquadrar o Murilo em teorias e destrincha-lo buscando sua subjetividade, apesar desta sempre imbricada, é de meu interesse debater suas ideias interseccionais enquanto teoria *per si*, produto de uma intelectualidade engajada. Entendendo que

> O intelectual não é apenas alguém que lida com ideias. [Primeiro] Intelectual é alguém que lida com ideias transgredindo fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo Segundo intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura politica mais ampla. A distinção de Eagleton baseia-se na suposição de uma qualidade de abertura critica que permita a transgressão E visível que ele considera essencial que os intelectuais sejam pensadores criativos exploradores no domínio das ideias que possam ir ate os limites e além seguindo as ideias em qualquer direção que tomem. bell hooks, 1995, p. 468.

Demonstrando que o discurso partindo das próprias experiências é "[...] um exercício de si para si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser" (FOUCAULT, 2010 [1984], 265). Sendo o discurso um conjunto de fala/linguagem e práticas em uma articulação entre saber e poder (FOUCAULT, 1979). E que se mostra um poderoso aporte de forma alternativa de pedagogia. bell hooks (2013) propõe em sua obra "Ensinando a Transgredir" uma educação libertadora. Essa

educação é um desafio sem moldes pré-estabelecidos, mas que, para ela, se colocou através do diálogo. Um diálogo que valorize todas as vozes e que todas as vozes possam ser ouvidas e para que o aprendizado seja profundo e plural, quebrando a lógica universalista de um ensino formal e engessado. Sendo essa forma pedagógica potencializada com o uso em massa de redes como Youtube.

Os objetivos do Murilo em seu canal são explicitados no vídeo "MURO PEQUENO RESPONDE 1" (2016f), dizendo que:

> Eu sentia e ainda sinto que muitos debates, muitos conceitos que a gente debatia nesses espaços ficavam muito presos dentro desses espaços e aí como consequência disso, a gente vê todo dia na internet um monte de treta, um monte de debate que ninguém se entende, simplesmente porque não estão falando a mesma linguagem. Então eu criei o canal com o objetivo de trazer algumas discussões, tentando fazer esse esforço de trazer o debate da academia e da militância aqui pro Youtube de forma leve, didática de modo que as pessoas consigam entender o que uma pessoa quer dizer quando ela menciona *lugar de fala*, ou quando ela diz que uma opressão é estrutural, ou quando ela fala de *interseccionalidade*, por exemplo. Esses termos do militantes que não vão servir de nada se as pessoas não entenderem o que significam.

No vídeo postado no dia seguinte "MURO PEQUENO RESPONDE 2" (2016g) ele explica o nome do canal. Primeiro que o seu nome é "pequeno muro" em espanhol; e segundo:

> remete a um mundo que eu quero construir porque a gente tem muros que nos separam, que nos dividem, e a gente vive falando por aí que quer derrubar todos os muros, mas derrubar todos os muros, acabar com todos os muros é meio impossível. Então o que eu quero não é derrubar os muros, mas deixar os muros pequenos. Saber que tem coisas que nos diferenciam. Diferenças de ideias, diferenças de identidades, mas tentar fazer com que essas diferenças sejam pequenas a ponto de que essas diferenças impeçam a gente de se ver e se enxergar, de pular o muro um do outro, entrar na casa um do outro. Conversar, dialogar e adquirir empatia. Então, a ideia do Muro Pequeno é essa. É saber que como a gente não pode acabar com os muros pelo menos que a gente deixe eles pequenos.

Antes que siga para a próxima seção eu quero me colocar enquanto sujeito que pensa e ordena pensamento. Minha perspectiva parte de uma identidade imbricada em uma posição social dentro da estrutura que rege o mundo. Eu sou um negro de pele clara viado urbano oriundo de periferia de Caxias do Sul/RS que estuda bacharelado em Políticas Públicas na prestigiada Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Se ao ingressar nessa Universidade eu tinha como objetivo transformar a minha realidade e a das pessoas próximas a mim, hoje eu tenho o compromisso social de pensar a sociedade e as possibilidades de existência, resistência e enfrentamentos de uma estrutura que nos desqualifica enquanto pessoas e frequentemente busca forma de nos eliminar. A lente que uso para analisar a realidade vem de muitas fontes e métodos e aqui privilegio a Antropologia Visual e da Memória por entender que "[...] uma reflexão mais detalhada acerca da dimensão visionário-especulativa, contida no uso da imagem na produção do discurso antropológico, permite que se reabilite o papel estratégico que sempre se atribuiu à imaginação criadora na construção do conhecimento humano" (2015, p. 80). Sendo,

> Assim, a imagem técnica (imagem fotográfica, videográfica ou fílmica), além da visibilidade de seus mecanismos de enunciação para os quais concorre a história técnica da Antropologia visual, é enraizamento e abertura do homem no mundo; ela nasce no interior do próprio fenômeno da linguagem humana, como arranjo e modelagem do *ser-para-si* da consciência; entretanto, enquanto prótese do pensamento, ela é criação, e não apenas aquisição, ao integrar um universo conceitual que não compreende tão somente o real (2015, 142).

Em que o meu pensamento articula e ordena aquilo que apreendo e exponho, neste caso, do canal do Murilo. Longe de uma pretensa imparcialidade e universalidade do pensamento e de uma representação fidedigna e interrupta do real eu busco colocar os pontos de convergências entre eu e o Murilo, discordando ou concordando, mas pondo sempre em diálogo e em visibilidade a disputa pelo real e a disputa pela transformação da realidade.

2 METODO DE RECORTES PARA UMA APRESENTAÇÃO

Até o fechamento deste trabalho o canal Muro Pequeno tinha 86 (oitenta e seis) vídeos postados e alcançava o marco de 2.260.031 (dois milhões e duzentas e sessenta

mil e trinta e uma) visualizações. Dada a extensa produção que acontece desde outubro de 2015, optei por expor de maneira breve os dez vídeos mais vistos, sendo do sexto ao décimo de comentários gerais e uma abordagem mais profunda sobre os vídeos que ocupam as posições de primeiro a quinto mais vistos do canal.

2.1 Contagem Regressiva de 10 a 6 e a Narrativa em Prática

Em exposição rápida, cabe dizer que o vídeo "FIZEMOS LIMONADA! Part. Gabi dePretas" (2016c) é o de Murilo e Gabriela Oliveira em que assistem e comentam o visual-álbum "Limonade" da cantora Beyoncé. Abordam os elementos presentes no visual-album, como: as dificuldades nos relacionamentos e autoestima de mulheres negras; o debate aobre classe, gênero e raça; o processo de reconhecimento e representatividade; os tipos de solidão e relações familiares. Ainda destacam trechos de músicas e suas afetações como "você precisa perceber que quando você me machuca você se machuca" apontada por Gabi e "você acha que você não é digno de amor, mas eu sou o amor de sua vida" levantada por Murilo[2]. Já o vídeo "CRISTOFOBIA, LAICIDADE E MILITÂNCIA LGBT PART. CANAL DAS BEE" (2016a) tem como participação especial a Jessica do Canal das Bee, que por sinal também é cristã. No vídeo abordam a falácia de uma suposta *cristofobia*. O que não tem base concreta levando em consideração aposição de hegemonia das religiões e praticas cristãs. No vídeo "MAS NINGUÉM GOSTA DO GAY PADRÃO???" (2016e) uma imagem basta:

O vídeo "GAY, NEGRO, CRISTÃO #ProudToBe #OrgulhoDeSer" (2016d) faz parte da campanha do Youtube. Nesta campanha Murilo diz que é bixa/viado, negro e cristão. Vídeo curto em que se posiciona frente seus marcadores e o caráter de resistência ao afirmar aquilo que é. Um chamado para diversidade. No vídeo "PESSOAS BRANCAS DEVEM FALAR SOBRE O RACISMO?" (2017b) Murilo foca no papel de escuta ao

[2] O vídeo está disponível em:

tratar de pessoas privilegiadas que querem contribuir nos debates e lutas dos movimentos sociais de grupos subalternizados. Em sua síntese, ele diz:

> A preocupação de vocês é muito bem-vinda, é muito necessário que a gente tenha pessoas que estejam em posição de privilégio, mas estão preocupadas com as relações desiguais de poder que a gente tem na sociedade da gente, [...] e uma forma que vocês podem contribuir é fazendo uma reflexão crítica do lugar que vocês ocupam dentro da sociedade da gente e uma função importantíssima que vocês também têm é a de levar estes debates para os lugares que a voz da gente, às vezes, nem sempre chega. Conseguindo multiplicar essas relações dentro dos espaços que vocês circulam , dentro dos espaços que vocês frequentam, convidando outras pessoas a também fazer esse esforço de rever privilégios e de construir relações novas.

2.2 Essa Tal Apropriação Cultural

O vídeo que intitula essa subseção tem como descrição: “pra contribuir um pouco com a discussão sobre apropriação cultural, esse debate que é importante, mas que ainda é cercado de muito desentendimento” (15/04/2016). Apresentando dois critérios para dizer se algo e/ou ação é ou não *apropriação cultural*. Murilo coloca que a apropriação cultural é estrutural, onde o mecanismo de dominação hierarquiza raças/grupos através, neste caso, da estigmazação e apagamento e da importância de não individualizar, mas de perceber a agência de sujeitos, neste caso privilegiados, na reprodução e perpetuação dessas hierarquias.

Murilo diz que os aspectos a serem levados em consideração é: [1] o esvaziamento de significados culturais ou religiosos de certos símbolos de grupos/raças subalternizados/as; e [2] o lugar social de raça, classe, ou religiosidade de quem faz uso desses símbolos. Para ilustrar, Murilo faz uso de três exemplos principais: o primeiro é o uso de símbolos do candomblé por uma pessoa branca candomblecista; o segundo é de uso de pessoa não cristã e o uso de crucifixo; e o terceiro é a venda de turbantes, através da moda, em e para corpos brancos.

No primeiro e segundo exemplo, de acordo com Murilo, não há apropriação cultural. O primeiro, da candomblecista branca, não há apropriação pelo fato de não esvaziar o sentido de religiosidade dos símbolos. No segundo, do uso de crucifixo, não há apropriação pelo fato de a cristandade ser uma religião hegemônica e não sofrer

impactos como o apagamento. No que cabe ao primeiro exemplo, posso concordar que não seja apropriação cultural, mas é uma pratica passível de problematização, tendo em vista o processo de *embranquecimento* dos terreiros e praticas de resistência e existência do povo negro.

O terceiro exemplo é o uso comercial de turbantes em e para pessoas brancas. Murilo definiu enquanto apropriação por obedecer aos dois critérios estabelecidos. Existe um esvaziamento simbólico do turbante e existe o apagamento de seu grupo, destituindo o sujeito de uso. Murilo, apela para o "bom senso" e propõe uma serie de reflexões. Finaliza seu vídeo com uma série de questões que vale a pena reproduzir:

> Eu conheço qual é o sentido, qual o significado dessa coisa aqui que eu estou querendo usar? Eu tenho alguma relação especial com esse significado? Essa paradinha aqui tem algum sentido cultural ou religioso que seja importante para mim? Se você respondeu não para essas questões e ocupa lugar de privilégio de raça, de classe ou religiosidade, então você está com o pezinho, ali na porta da apropriação cultural. Aí é bom pensar: você quer realmente fazer esse esvaziamento de sentido? Você entende que existem pessoas que passam por um enfrentamento enorme pra usar esses mesmos símbolos? Você entende que esse uso é uma estratégia de afirmação e resistência importante para essas outras pessoas? Você entende que é um privilégio o fato de que você não precisa passar por isso? Você quer mesmo se aproveitar desse privilégio, mesmo sabendo que você pode estar contribuindo para o esvaziamento de sentido que é importante para essas outras pessoas? Usar esses outros elementos é tão importante para você a ponto de você deixar essas coisas de lado?

2.3 Sobre Ser Gay e Cego (No Mundo dos Padrões de Beleza)

Como a própria descrição do vídeo diz é "uma conversa com o Lucas Maia, falando da sua experiência como pessoa gay e cega, especialmente nas relações afetivas dentro da comunidade LGBT" (04/08/2017) onde se aborda a vida e experiências de Lucas. Nesse diálogo se coloca a operação de outra estrutura de dominação da sociedade. Lucas retrata do estranhamento das pessoas ao perguntarem para ele (Lucas) de como ele sabe que é gay se não enxerga. Operando, assim, a reprodução da ideia de que a sexualidade está atrelada ao visual/biológico. Também fala das dinâmicas de exotismo ou *coitadismo* que é posto pelas pessoas que o conheciam e depois retrata da

sua atual relação, pelo menos no momento do vídeo, onde o seu namorado o tratava como igual, mesmo reconhecendo sua especificidade. É um vídeo que explora as dinâmicas de naturalização do corpo que enxerga em detrimento daquele que não.

2.4 Saúde Mental na Universidade #NãoÉNormal

Neste vídeo, Murilo faz parte de uma campanha, fazendo "um papo sobre a importância de não naturalizar o sofrimento emocional e psíquico que a universidade causa na gente." (30/05/2017). Aqui ele expõe a dinâmica das Universidades que apesar de aparentar, externamente, um campo de desconstrução e construção de ideias acaba por estabelecer e perpetuar hierarquias de saberes, de posições sociais. Ele expõe os casos de suicídios dentro dos Campis e de estudantes que se suicidaram por causa da toxidade produzida na Universidade, principalmente em relação aos corpos subalternizados.

2.5 O que a Bíblia (Não) Diz Sobre Homossexualidade

Neste vídeo, o Murilo vai "comentando os principais textos bíblicos usados para condenar a homossexualidade, falando sobre as coisas que a bíblia diz (e principalmente as que ela não diz) a respeito dessa questão". (16/10/2016). Os textos são: [1] Levítico; [2] a narrativa de destruição de Sodoma; [3] as cartas de Paulo; e [4] o texto da criação do livro do Genesis. Não me delongarei neste vídeo, cabe dizer que aqui o Murilo vai traçar um contexto socio-histórico para desconstruir o uso de texto bíblico para condenação da homossexualidade. Ele ressalta que nenhum texto religioso deve ser usado como base para defesas de pautas políticas em um Estado laico, que supostamente é o brasileiro. É um vídeo interessante para se pensar a interseccionalidade de religiosidade, sexualidade e gênero.

2.6 Oi, Luba! Vamo Conversar Sobre Padrões?

Com diz a descrição, é "uma tentativa de diálogo aberto sobre algumas questões importantes: padrões de beleza, questões sociais e a importância de falar sobre privilégios." (15/06/2017). Luba fez um vídeo sobre um tweet que fez sobre "saí hétero" e a relação de preconceito[3]. Murilo vai dizer que:

> Não existe separação entre sujeito e discurso e aqui eu não estou falando de sujeito só como uma pessoa individual, com o seu

[3] Para saber mais, o vídeo de Luba é este: https://www.youtube.com/watch?v=5An-SvXpcvw&t=14s

> coraçãozinho e com as suas próprias ideias. Mas eu estou falando de um sujeito em que vive em sociedade e que está envolvido em relações sociais e em toda uma dinâmica social. Uma pessoa que tem determinados papeis dentro dessa dinâmica social. Então, falar que não existe separação entre sujeito e discurso é falar que não existe nenhuma forma de separar essa pessoa da sociedade em que ela vive. [...] De alguma maneira, essa formação influência e a posição social que a gente ocupa é um elemento que a gente precisa pensar.

E através dessa base vai contra-argumentar as posições de Luba que está imbricada em privilégios de classe, raça, gênero e uma passabilidade heterossexual.

3 NÃO JOGUE A ESCADA FORA![4]

Este trabalho ganha essa seção tendo em vista os acontecimentos no ST (Sessões Temáticas) do qual ele faz parte. A dinâmica do ST foi reduzir as apresentações de 15 minutos para 10 minutos para que pudéssemos trocar/comentar todos os trabalhos após a finalização de todas as apresentações. Apesar do curto período, eu falei sobre os vídeos acima referidos. E ao tratar do "ESSA TAL APROPRIAÇÃO CULTURAL" (2016b) que é o quinto vídeo mais visto do canal eu coloquei como exemplo, para além dos apresentados pelo Murilo, uma determinada apresentação cultural que aconteceu no evento. Chega o momento do debate sobre os trabalhos e a minha apresentação ganha o centro, sendo, praticamente, o único comentado e questionado. Mais especificamente sobre o tema da apropriação cultural. Em que múltiplas falas tentaram argumentar, para não dizer desqualificar, de N maneiras as criticas feitas. A mediação ficou em torno do argumento de que o "horizonte discursivo" fazia que eu percebesse aquilo como algo problemático e as outras pessoas presentes não percebessem. Apesar de entender esse ponto, ele não pode ser usado para cercear o debate e o ponto de que a apresentação realizada era de fato preconceituosa. Depois de mais de quarenta minutos de embate direto eu saí da sala desesperançado e com a certeza de que estava com um olhar vazio. Com dúvidas sobre o meu papel em construir diálogos e pontes entre pessoas comprometidas em mudar a sociedade e a forma como ela se organiza. É por isso que decidi incluir mais essa seção. Através do vídeo "NÃO JOGA A ESCADA FORA!" (2015) que problematizo e questiono essas posições, e quem sabe, demonstrando mais uma possibilidade para se repensar as posições adotadas. Nesse vídeo, Murilo vai falar

[4] Nesta seção, ao citar o Murilo, não faço nos moldes de citação direta longa, apesar de reproduzir, dado ao seu tamanho e relevância.

de uma metáfora em que se pega uma escada, coloca em um muro, sobe nela, lá de cima joga a escada fora e finge que sempre esteve no topo.

Daí que eu acho essa metáfora sensacional porque eu acho que ela serve pra explicar um monte de coisas na vida da gente e uma das coisas que ela explica melhor é a maneira como a gente incorpora e como a gente reproduz um monte de valores que está espalhado aí na sociedade. [...]. Aí vem uma pessoinha chata problematizar, quase sempre essa pessoinha sou eu que vai te dar aquela noticia que é aquela noticia meio chata de receber: "[...] É, então xuxu, essa coisinha aí que você falou é racista pra caralho. [...]" Aí, em um caso como esse, a primeira coisa que vai passar pela cabeça da pessoa é: "eu, mas logo eu que sou uma pessoa tão boa? Eu tenho um coração tão bom. Eu sou uma pessoa tão legal. [...]Como é que pode eu estar sendo racista? [...]. Como é que do meu coração tão bom sair alguma coisa que seja agressiva para alguém? [...]". [...] Quando você fala alguma coisa, você coloca pra fora a sua história, o contexto que você vem. A sua formação, a cultura que você foi socializado. Então, por mais que você seja uma pessoa legal, você não está livre de ser babaca de vez em quando, principalmente quando você é uma pessoa legal que também está em uma posição social que também te confere algum privilégio. [...] Você ainda precisa assumir a responsabilidade sobre as coisas que você fala, sobre as opiniões que você expressa e sobre as coisas que você faz. E aí, num contexto como esse, em que você falou alguma coisa delicada e alguém te chamou a atenção, o melhor que você tem a fazer é escutar. Escutar o que a pessoa tem a dizer, escutar porque que aquilo é problemático, reconhecer que por mais legal que você seja, você não está livre de reproduzir umas bobagens de vez em quando e se comprometer a ficar mais atento e fazer um esforço pra não continuar reproduzindo essas coisas. A gente sabe que você é uma pessoa legal, mas sempre tem um jeitinho que a gente pode melhorar. Não custa fazer um esforço. Aí o esforço que eu queria sugerir é o de parar de jogar a escada fora e prestar um pouco mais de atenção que a gente reproduz alguns pensamentos da sociedade que a gente vive e se essa sociedade é tão desigual, volta e meia a gente vai reproduzir algum pensamento que reforça algum tipo de desigualdade. Se a gente ficar um pouco mais ligado, a gente tem como evitar que esse tipo de coisa aconteça e aí o mundo fica melhor pra todo mundo viver. Então, ficamos combinados assim, por hoje.

4 PARA NÃO CONCLUIR

Acredito que foram, pelo menos, três aspectos debatidos neste trabalho: [1] o de colocar em debate as múltiplas formas de experienciar os marcadores sociais que atravessam o corpo individual e a sua relação com a estrutura social vigente; [2] como é possível construir conhecimento/ideias a partir de meios alternativos da educação convencional, como o Youtube; e [3] os desafios de integrar e ouvir (processo do

diálogo) as múltiplas vozes que enunciam formas de conhecimento e entendimentos de mundo que divergem do hegemonicamente dominante.

Ouvir e pensar através e com o Murilo Araujo é pensar a complexidade da realidade social em suas variadas instancias. Ele faz isso com a gente, com as pessoas que ele convida para fazer parte das gravações e com as pessoas que o convidam para fazer parte de outros canais do Youtube, montando e dialogando com uma grande rede de sujeitos conectadas/os na e pela internet, neste caso o site Youtube.

REFERENCIAS

ARAUJO, Murilo. **CRISTOFOBIA, LAICIDADE E MILITÂNCIA LGBT PART. CANAL DAS BEE**. Youtube/Muro Pequeno, 2016a. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=12NO1bzQC0k&t=128s >. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **ESSA TAL APROPRIAÇÃO CULTURAL**. Youtube/Muro Pequeno, 2016b. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=bFwJkIO-CwU&t=92s >. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **FIZEMOS LIMONADA! part. Gabi DePretas**. Youtube/Muro Pequeno, 2016c. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=FFMFe3L4YwA&t=90s >. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **GAY, NEGRO, CRISTÃO #ProudToBe #OrgulhoDeSer**. Youtube/Muro Pequeno, 2016d. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=HIuGyFW6O_U >. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **MAS NINGUÉM GOSTA DO GAY PADRÃO???**. Youtube/Muro Pequeno, 2016e. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=j5k3Hu2mXGU&t=116s >. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **MURO PEQUENO RESPONDE 1**. Youtube/Muro Pequeno, 2016f. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=IEpQOZmaY7k&t=192s>. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **MURO PEQUENO RESPONDE 2**. Youtube/Muro Pequeno, 2016g. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=8oEwI_AvMIc&t=76s>. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **NÃO JOGA A ESCADA FORA!**. Youtube/Muro Pequeno, 2015. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=BAE3XlCNoS8&t=152s >. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **O QUE A BÍBLIA (NÃO) DIZ SOBRE HOMOSSEXUALIDADE**. Youtube/Muro Pequeno, 2016h. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=OYy2Vn15xVI >. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **OI, LUBA! VAMO CONVERSAR SOBRE PADRÕES?**. Youtube/Muro Pequeno, 2017a. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=7uefE3e8_ws&t=4s >. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **PESSOAS BRANCAS DEVEM FALAR SOBRE RACISMO?**. Youtube/Muro Pequeno, 2017b. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=Q-XtbzwPD3E&t=279s >. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **SAÚDE MENTAL NA UNIVERSIDADE #NãoÉNormal**. Youtube/Muro Pequeno, 2017c. Disponível em: <LINK>. Acesso em: 07/12/2017.

_____. **SOBRE SER GAY E CEGO (NO MUNDO DOS PADRÕES DE BELEZA)**. Youtube/Muro Pequeno, 2017. Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=kZiUP1aG16Y&t=145s >. Acesso em: 07/12/2017.

CRENSHAW, Kimberlé W. **A intersecionalidade na discriminação de raça e gênero**. 2004.

FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos V: **ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, v. 5, 2004.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto MACHADO. 13ª. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo, 2013.

HOOKS, Bell. **Intelectuais negras**. Estudos feministas, v. 3, n. 2, p. 464, 1995.

ROCHA, Ana Luiza e ECKERT, Cornelia. **A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva em coleções etnográficas.** Brasília: ABA Publicações, 2015.

SANTOS, R. E. D. Sobre Espacialidades das Relações Raciais: Raça, racialidade e racismo no espaço urbano. In: SANTOS, R. E. D. QUESTÕES URBANAS E RACISMO. Petrópolis: De Petrus et Alii Editora Ltda., v. I, 2012. Cap. 11, p. 400

SKLIAR, Carlos. **A escola para surdos e as suas metas: repensando o currículo numa perspectiva bilíngüe e multicultural**. CADERNOS DE EDUCAÇÃO, v. 12, p. 21, 1999.

NETWORK SPEECH: Muro Pequeno and Intersectionality

This work is part of a larger project titled "Dissident Negro Masculinities" and aims to make a discourse analysis of Murilo Araújo's YouTube channel titled "Muro Pequeno" to contribute to the understanding of the forms of existence and resistance of black men who deviate from the hegemonic norms of sexuality and behavior through Visual Memory and Anthropology. In his channel, Murilo Araújo stands as black, Christian, gay and northeastern; and it does a didactic approach to aspects of its daily life, aspects and political and cultural conjuncture, as well as dialogical relations with other people who have channels on Youtube and who in a certain way have affinity with their topics of debate. Thus, putting in question and for debate the forms of exist and resist that mark their existence in the network of world reach of expressive way. The conclusions reveal the complex discursive game and a strong articulation of reflections from academics and personal experiences, as well as a markedly intersectional discourse that braks the analytical boundaries on gender, race, sexuality and other social markers that are usually closed in on themselves.

Keywords: Visual and Memory Anthropology, Intersectionality, digital media, black masculinities.